



A Relação mãe-filha e seus efeitos de devastação.

Joana Souza

Recebido: setembro de 2013 - Aceito: setembro 2014

Mestranda do programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui especialização em Psicanálise e Saúde Mental pela UERJ. Psicanalista associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise.

Endereço: Av. Lúcio Meira nº 14 Sala 202 - Várzea - Teresópolis-RJ Brasil - Cep.: 25950-000
Telefone: 55 21 87023877

 joanapsi@uol.com.br

Introdução

Para Freud, ⁽¹⁹²³⁾, não existe representação psíquica do feminino no inconsciente que corresponda à organização genital própria da idade adulta, fato que torna essa noção tão complexa. Será em relação ao Édipo que a sexualidade se ordenará, determinando a posição que o sujeito ocupará na partilha dos sexos. Em outras palavras, o que Freud constata é que a identidade sexual de um sujeito é determinada por sua relação com o complexo de castração, e não pelo real do seu sexo anatômico, ou seja, ter um pênis ou uma vagina. O real do sexo é marcado pela linguagem desvelada nos significantes

trazidos pelo sujeito, apontando a leitura que o mesmo faz em relação ao sexo.

Ao abordar o tema da feminilidade, Freud, (1932), busca estabelecer alguns pontos fundamentais acerca da passagem das meninas pelo Édipo. Dentre eles podemos destacar o reconhecimento de que, tanto para a menina, como para o menino, o primeiro objeto de amor é a mãe, descoberta que trouxe à tona a necessidade de saber como e porque a menina, primitivamente ligada à mãe, liga-se depois ao pai, evoluindo da fase viril para a fase feminina a que está biologicamente destinada. Entretanto, Freud afirma que a mulher não consegue distanciar-se completamente daquele que foi seu primeiro objeto de investimento libidinal, ou seja, a mãe, mantendo com esta uma relação de ambivalência que pode durar por toda a vida.

Freud afirma que o desfecho da relação entre mãe e filha traz como marca a catástrofe, o que Lacan, posteriormente, chamou de devastação. Nossa proposta, portanto, é de delimitar em alguns textos de Freud e Lacan, a especificidade da relação mãe e filha, no sentido de alcançarmos uma melhor compreensão acerca desse fenômeno subjetivo e de suas conseqüências para a constituição da mulher. A questão que se coloca para nós na relação entre mãe e filha é a impossibilidade de transmissão de *o que é ser uma mulher*.

1 - A relação mãe e filha e o paradigma da devastação

Freud, ⁽¹⁹³³⁾, ao retomar o tema da sexualidade feminina na Conferência "Feminilidade", aponta para a existência de uma zona obscura na relação entre mãe e filha, entretanto procura sanar essa dificuldade pensando o feminino a partir do Édipo e da castração. Três diferenças relativas à passagem do Édipo do menino e da menina serão destacadas por Freud no texto referido. Em primeiro lugar, destaca o fato de que a menina, diferente do menino, tem de mudar ao mesmo tempo de sexo e de objeto. Enquanto que o menino só possui uma zona genital predominante, ou seja, um órgão genital, uma mulher, por sua vez possui dois: a vagina e o clitóris, este tido como análogo ao membro viril masculino. Outra diferença apontada por Freud é que para os homens não há nenhuma mudança em relação ao sexo do objeto de amor, pois ele continuará sendo o mesmo do objeto inicial. Já para a mulher a mudança de zona erógena será seguida da mudança do sexo do objeto. E, por fim, a terceira diferença, refere-se à forma como, a partir do complexo de Édipo, o sujeito se posiciona frente ao complexo de castração. O complexo de castração torna-se o princípio organizador da diferença dos sexos.

Ainda nesse texto, destaca que meninos e meninas tem a mesma relação libidinal com a mãe, que se torna para ambos o objeto privilegiado das pulsões genitais. Considera que enquanto que para o menino o complexo de castração põe fim ao complexo de Édipo, acarretando a renúncia dos objetos parentais, seu efeito na menina a conduz a se refugiar no amor do pai, que ela jamais abandonará completamente. Por outro lado, afirma que a evolução para a feminilidade pode ser abortada, na medida em que inconscientemente, a revolta da menina pela falta do pênis, ou seja, a descoberta da castração pode levá-la a dois desfechos diferentes: ela pode assumir uma atitude de rejeição, de renúncia a atividade fálica, ou ela pode renegar a castração, dando lugar para o complexo de masculinidade, posição que pode levá-la ao homossexualismo.

Mesmo abordando o feminino pela via do falo, Freud, ⁽¹⁹³³⁾, não deixa de reconhecer a relação primitiva da menina com a mãe como sendo fundamental. Freud considera que existe uma fase anterior ao Édipo que determina a relação entre mãe e filha, cuja característica é a presença de sentimentos ambivalentes - uma combinação entre amor e ódio por parte da menina em relação a sua mãe que quase sempre culmina em ódio. As acusações e queixas da menina em relação a mãe tem o objetivo de mascarar os sentimentos hostis que ela nutre pelo fato de culpar a mãe pela falta de um pênis, pois não consegue perdoá-la por essa desvantagem.

Ocorre que, a reivindicação fálica não se encontra excluída em nenhuma das três saídas possíveis encontradas pela menina diante da descoberta da castração, o que explica a obstinação da mulher para ter o falo. Freud demonstra que a lógica fálica está em sintonia com o funcionamento do aparelho psíquico, e que o feminino resta impossível de ser significado. A inveja do pênis é para Freud, aquilo que faz funcionar a evolução edípiana.

Freud ^(1933 pg. 30) destaca que a castração com a qual a menina não quer lidar é a castração da mãe, pois seu amor era dirigido a uma mãe fálica e não a uma mãe

castrada. Essa questão coloca para a menina um problema particular no que tange a sua relação com sua própria feminilidade porque a identidade feminina está inconscientemente assimilada à privação. A descoberta de que a mãe é castrada torna possível que a menina abandone-a como objeto amoroso, entretanto, essa constatação torna-se o motivo para que a hostilidade predomine indefinidamente.

A intensidade do ódio que a menina nutre pela mãe é equivalente a intensidade do amor. Esse amor, no entanto, está fadado a sucumbir, à medida que a menina se volta para o pai, com esperança de que ele lhe dê o pênis tão invejado. A essa mãe que seduz, que desperta o desejo para depois proibi-lo, só resta a hostilidade.

O desenvolvimento de um forte complexo de masculinidade seria, para Freud, um segundo dos possíveis destinos do Édipo nas meninas, derivado da descoberta da castração. Nesse caso, há uma atitude de recusa em aceitar a castração que se conjuga a atitudes de rebeldia e exacerbação da masculinidade. O motivo para que o complexo de masculinidade se instale, de acordo com Freud, se encontra em dois fatos: primeiro a menina não abdicar da atividade clitoridiana, e segundo, a busca de refúgio na identificação com a mãe fálica ou com o pai. O homossexualismo feminino seria uma consequência direta do complexo de masculinidade (Freud, 1933 p. 33-34).

Em síntese, Freud nos revela que a descoberta da realidade da castração opera catástrofes quase irreparáveis no psiquismo feminino. A dificuldade no que concerne à elaboração de uma identificação materna positiva capaz de sustentar uma identidade de sujeito desejante fazendo sucumbir a angústia de castração, faz da mulher um enigma para psicanálise.

A questão do Édipo freudiano é retomada por Lacan em seu seminário sobre "As formações do inconsciente". Nele, Lacan tenta desfazer os equívocos provocados pelos analistas pós-freudianos ao atribuírem uma importância excessiva à mãe, caracterizando a relação mãe-criança como sendo dual.

O que é essencial nesse Seminário é o fato de Lacan situar a mãe enquanto Outro primordial, possuidor da palavra, para o sujeito. Trata-se de uma relação onde o desejo da mãe opera no sentido de situar o sujeito no campo do Outro. Para Lacan, a mãe é portadora da palavra, mas não da linguagem enquanto uma organização lógica capaz de regular as relações do indivíduo com o campo pulsional, através da castração simbólica. Nesse sentido, o Édipo lacaniano propõe que o pai simbólico é aquele que opera um corte na relação mãe-filho, abrindo a possibilidade de que algo, para além da captação imaginária, se constitua. A significação fálica, introduzida pelo significante Nome-do-pai, supostamente recobre o desejo da mãe, entretanto algo sempre escapa no que diz respeito ao gozo feminino.

Ao propor as formulas quânticas da sexuação em 1972, no Seminário 20 - "*Mais ainda*", Lacan reduz o mito edípico à lógica única da castração. Essas fórmulas, portanto, coloca em evidência a função de barreira contra o gozo do corpo que é instaurado pelo pai simbólico.

Lacan, (1973), no texto "O aturdido", utiliza o termo devastação para designar a relação de uma mulher com sua mãe. Seguindo a indicação do texto freudiano acerca da feminilidade, afirma que a mãe pode ser uma devastação para a filha. Nessa direção,

procura abordar o feminino na fronteira entre o simbólico e o real, para indicar que a devastação que uma mãe pode ser para uma filha, pode ser um indício da relação privilegiada da mulher com o real. Para Lacan, a devastação que acomete a menina está relacionada ao enigma formulado pelo gozo feminino da mãe, ou seja, para a ausência de limite que ele comporta. Pode-se afirmar que esse gozo está fora do simbólico, pois não existe um significante que defina o que é uma mulher (Lacan, 1972, pg. 79-80). A devastação, enquanto fenômeno subjetivo que emerge no relacionamento mãe e filha, deixará suas marcas na relação da mulher com seu corpo, nas parcerias amorosas e em sua relação com as perdas.

Em síntese, a devastação pode ser apreendida nas demandas de amor pleno que são endereçadas pela filha, demanda que busca a obturação da falta, pois tal como afirma Cristina Drummond "é pelo amor que uma mulher pretende remediar sua falta de substância que ela imputa ao Outro". A demanda pode levar a menina à devastação, na medida em que sua legitimação por parte da mãe se torna impossível. É a relação especular que está em jogo, onde a menina busca no olhar do Outro materno, o assentimento para seu corpo. É o olhar do Outro que permite o recobrimento imaginário do corpo, um corpo que traz em si a marca de um real dessexualizado.

2- A devastação em um caso clínico freudiano

Trata-se de uma bela e inteligente jovem de dezoito anos, pertencente a uma família de boa posição que despertara desprazer e preocupação em seus pais pela adoração com que perseguia certa "dama da sociedade" cerca de dez anos mais velha. Diziam que esta dama vivia com uma amiga numa relação bastante íntima, ao mesmo tempo, em que mantinha relações promíscuas com alguns homens, fatos que não interferiam em nada nos sentimentos da jovem moça. Nem as proibições nem a vigilância impediam a jovem de aproveitar todas as suas raras oportunidades de encontrar-se com a bem-amada, de esperar por ela durante horas diante da sua porta, ou de mandar-lhe presentes, embora a dama não lhe dispensasse a atenção desejada.

Os pais jamais tinham observado na filha qualquer interesse em moços, nem prazer em seus galanteios, ao passo que, por outro lado, acreditavam que esta ligação constituía apenas uma sequência, em grau mais acentuado, de um sentimento que em anos recentes demonstrara por outras mulheres.

Certo dia ocorreu o inevitável, o pai encontrou a filha em companhia da senhora, passando por elas e lançando-lhes um olhar irado. Subitamente, a jovem saiu correndo, jogando-se numa linha ferroviária. Pagou essa tentativa, indiscutivelmente séria, de suicídio com um tempo considerável deitada de costas na cama, embora fossem poucos os danos causados. Após a recuperação, descobriu ser mais fácil que antes conseguir o que queria. Os pais não ousaram se opor com tanta determinação e a senhora que, até então, recebia friamente seus avanços, comoveu-se com prova tão evidente de séria paixão e começou a tratá-la de maneira mais amistosa. Aproximadamente seis meses após o episódio, os pais

buscaram orientação profissional e confirmaram a tarefa de reconduzir sua filha a um "estado normal".

Considerando separadamente as atitudes do pai e da mãe perante o assunto. Observou-se no pai um homem sério, rígido com os filhos, mas no fundo, de coração terno. Seu tratamento com a filha única era influenciado pela consideração que tinha pela mulher. Quando soubera, das tendências homossexuais da filha, ficara enfurecido e tentara suprimi-las com ameaças. Encarava a filha como uma degenerada ou mentalmente perturbada. Estava determinado a combater o homossexualismo da filha por todos os meios em seu poder. Até mesmo, caso necessário, arrumando-lhe um casamento.

A mãe, segundo Freud, era uma mulher jovem e vaidosa, que fazia diferença no tratamento que dedicava aos filhos, reservando à filha a aspereza, enquanto que com os filhos mostrava-se bastante tolerante. O enamoramento da filha pela dama não era encarado por ela com tanta seriedade como era pelo pai, a não ser pelo fato desta o tornar público. Para Freud, a mãe da jovem a levou a desistir de seu lugar de mulher em seu favor, pois via na filha uma rival em seu anseio de impressionar os homens.

Outro fato importante que é destacado por Freud, é que a jovem em seu comportamento para com seu objeto amoroso havia assumido o papel masculino na relação com a dama, ou seja, apresentava a humildade, a supervalorização do objeto sexual e a renúncia à satisfação narcísica, tão características do amante masculino. A esse respeito Freud considera que esta "... *havia, assim, não apenas escolhido um objeto amoroso feminino, mas desenvolvera também uma atitude masculina para com esse objeto*". (Freud, 2006 [1920] p. 166).

Com relação à história sexual, Freud relata que na infância a jovem passou pela atitude normal característica do complexo de Édipo. Posteriormente começou a substituir o pai pelo irmão mais velho. Não se lembrava de qualquer trauma sexual no começo da vida, nem tampouco algum foi descoberto pela análise. A comparação entre os órgãos sexuais do irmão e os seus, que fez pelo início do período de latência, aproximadamente aos cinco anos, deixara-lhe forte impressão e tivera efeitos posteriores de grandes consequências. Durante os anos de pré-adolescência, na escola, gradualmente familiarizou-se com os fatos do sexo e recebeu este conhecimento com sentimentos mistos de libidinagem e assustada aversão.

Na idade dos treze aos quatorze anos começou a apresentar grande afeição por um menino de menos de três anos de idade, a quem costumava ver regularmente num *playground*. Apegou-se tanto a criança que, em consequência disso, surgiu uma amizade entre ela e os pais dele. Naquela época, possuía forte desejo de ser mãe e de ter um filho. Contudo, após curto tempo, tornou-se indiferente ao menino e começou a interessar-se por mulheres maduras, porém de aparência ainda jovem. As manifestações desse interesse logo lhe valeram um severo castigo das mãos de seu pai.

Essa mudança ocorreu simultaneamente com certo acontecimento na família, que Freud vai considerar de extrema importância. Uma nova gravidez de sua mãe, e o nascimento de um terceiro irmão quando a paciente estava com cerca de dezesseis anos.

Freud considera que a amada era uma substituta da mãe. Destaca que os primeiros objetos de sua afeição após o nascimento do irmão mais novo haviam sido mães, mulheres entre trinta e trinta e cinco anos, a quem havia encontrado com os filhos em ocasiões diversas. No entanto, em virtude da dificuldade de encontrar mães com tendências homossexuais, a maternidade como condição fundamental da escolha amorosa foi abandonada.

O impacto causado pela gravidez da mãe deve-se ao fato dela ter acontecido no exato período em que a jovem experimentava a revivescência de seu complexo de Édipo infantil, na puberdade. A jovem apresentava um desejo de ter um filho do pai, sentiu-se desapontada e traída, pois quem engravidara fora sua rival inconscientemente, sua mãe. Após esse desapontamento, afasta-se completamente do pai e do amor dos homens, repudia inteiramente seu desejo de ter um filho e abdica de sua feminilidade, procurando outro objeto para sua libido.

Freud explica que o desapontamento vivido pela jovem fez com que ela se transformasse *em homem e tomasse a mãe, em lugar do pai, como objeto de seu amor* ((Freud, 2006 [1920] p. 170).

A jovem, explica Freud, por não saber o que fazer com uma mãe que apresentava-se, por demais *real*, lança mão da homossexualidade com o intuito de buscar uma mãe substituta *a quem poderia ligar-se apaixonadamente*.

Nesse sentido, a escolha homossexual oferecia um ganho secundário, que visava diminuir a hostilidade da mãe para com ela, pois, ao desistir dos homens, os deixava para a mãe e, assim, não precisava mais competir.

Freud atenta para o fato de que as mulheres pelas quais se interessava não tinham qualquer reputação de homossexualismo e, portanto, não poderiam ter-lhe oferecido alguma perspectiva de satisfação sexual. Por outro lado, rejeitara sem hesitação os avanços feitos por uma amiga homossexual de sua mesma idade.

Freud afirma que a tentativa de suicídio, foi determinada por dois motivos: primeiro pela realização de uma autopunição (culpa com relação aos sentimentos ambivalentes que tivera pelos pais) e em segundo, a realização de um desejo. A autopunição também é interpretada no texto como realização de um desejo, já que o ato de se matar estaria relacionado ao matar o objeto ao qual se identificou e que mantinha sentimentos hostis, no caso, seus genitores, tal como afirma: *uma vez que, a jovem se identificava com a mãe que deveria ter morrido no nascimento do filho, a ela negado, essa realização de punição constituía, mais uma vez, a realização de um desejo* (Freud, 2006 [1920] p. 174).

Freud identifica a repulsa pelos homens como algo que apareceu na transferência, em que a paciente adotava uma atitude de indiferença frente às colocações do analista. Nesse sentido, ele chega a aconselhar aos pais da moça que procurassem continuar o tratamento por uma profissional do sexo feminino.

A análise demonstrou que a jovem possuía desde a infância, um forte “complexo de masculinidade”. Após se deparar com os genitais do irmão, desenvolveu uma acentuada inveja do pênis. Era uma feminista e incomodava-se com a maneira com que as mulheres eram tratadas em comparação aos homens que tinham mais liberdade e direitos.

A escolha pela dama apontava para a exigência da bissexualidade, já que, além de satisfazer os desejos homossexuais (ideal masculino), satisfazia, também, os heterossexuais (ideal feminino).

Freud conclui o caso dizendo que não compete à psicanálise solucionar o problema do homossexualismo. Deve – se, no máximo, contentar-se com o revelar dos mecanismos psíquicos que culminam na determinação da escolha de objeto, e remontar os caminhos que levam deles até as disposições pulsionais.

O relato do caso feito de forma tão minuciosa por Freud, nos serve de exemplo de como a relação de uma mãe com sua filha pode provocar efeitos devastadores. Sabemos com Lacan, que a criança necessita encontrar um lugar no desejo da mãe para se constituir enquanto desejante. A demanda de amor que a criança dirige para o Outro é também uma demanda sobre seu ser. O que sou para o Outro? O que ele quer de mim? Essas dúvidas marcam a alienação fundamental necessária para a constituição do sujeito a partir dos significantes que vem do Outro. Entretanto, esse Outro lugar dos significantes, é também marcado pela falta. É na medida em que a criança se depara com a falta do Outro que ela pode vir a separar-se, constituindo-se como sujeito desejante. Entretanto, quando a criança busca no olhar da mãe um lugar para si e não encontra, é a própria existência da criança que fica em perigo.

Para finalizar, consideramos que no caso da jovem homossexual, a ausência de uma inscrição no desejo de sua mãe teve para ela efeitos devastadores. Lidar com uma mãe que lhe era indiferente e que, segundo Freud, se mostrava *real* demais se tornou insuportável para essa moça. Entretanto ela parece não conseguir abrir mão da mãe fálica, passando a buscá-la em outras mulheres.

Referências

- (1) DRUMOND, Cristina. *Devastação, outra face da angústia*. Opção lacaniana. São Paulo. Nº 45. Mai/2006.
- (2) FREUD, S. (1920) *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* in Edição Standard das obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago. 2006.
- (3) FREUD, S. (1925) *Algumas conseqüências da diferença anatômica entre os sexos*. Edição Standard das obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. 2006.
- (4) FREUD, S. (1931) *Sexualidade feminina*. Edição Standard das obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago. 2006.
- (5) FREUD, S. "A feminilidade, conferência 33". Em: Caldas, H.; Murta, A.; Murta, C. (Org.) *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012, p.15-48.
- (6) LACAN, J. (1972) O Seminário livro 20: *Mais ainda*. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.
- (7) LACAN, J. (1973) *O Aturdido*. In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. 2003.
- (8) MARCOS, Cristina. Mãe e filha – *Da devastação e do amor* in *Tempo psicanalítico*. Rio de Janeiro. Vol. 43. 2011.